
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

A MONTANHA E O POETA: UM AVARANDADO PARA OS ANDES EM POEMAS DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Júlio César de Araújo Cadó¹ (UFRN)
e Rosanne Bezerra de Araújo² (UFRN)

RESUMO: Ao realizarmos a leitura da poética de João Cabral de Melo Neto, identificamos um conjunto de paisagens em verso. Em sua maioria, esses lugares representados correspondem a coordenadas que, do ponto de vista biográfico, Cabral percorreu durante seu trabalho como parte da equipe diplomática brasileira no Itamaraty. Para este artigo, elegemos como *corpus* alguns poemas dedicados à região andina, em especial textos que refratam a estadia do autor no Equador, entre os anos de 1979 e 1981. Compõem esse conjunto tanto poemas publicados na seção “Viver nos Andes”, do livro *Agrestes* (1985), quanto poemas reunidos, postumamente, como parte da produção inédita do poeta. Nossa leitura é orientada pelas considerações sobre a relação entre poesia e paisagem formuladas por Michel Collot (2013) e Ida Alves (2013), além do aporte crítico sobre a poesia cabralina de Marta Peixoto (1983), Carlos André Pinheiro (2007) e Antonio Carlos Secchin (2020). Nos textos em análise, a imagem do Chimborazo, vulcão adormecido que impera sobre a cordilheira andina, funciona como figura revestida por um ideal pedagógico e estético para o poeta-observador, a quem interessa alcançar uma dicção medida, afim à lava controlada do elemento geológico. Além disso, ao cotejarmos os poemas com o texto “Mi delírio sobre el Chimborazo”, escrito por Simón Bolívar, no início dos anos de 1820, percebemos o aspecto interacionista que norteia a ideia de paisagem e, por conseguinte, sua formalização em textos poéticos, visto que diferentes pontos de vista repercutem de formas igualmente diversas nas representações poéticas.

PALAVRAS-CHAVE: João Cabral de Melo Neto; Paisagem; Poemas andinos.

THE MOUNTAIN AND THE POET: A BALCONY VIEWING TO THE ANDES IN POEMS OF JOÃO CABRAL DE MELO NETO

ABSTRACT: In the examination of João Cabral de Melo Neto’s poetry, a series of landscapes in verse takes center stage. These depictions primarily correspond to geographical coordinates aligned with Cabral’s diplomatic endeavors as part of the Brazilian diplomatic team at Itamaraty. For this paper, we have selected a corpus of poems dedicated to the Andean region, with a specific focus on texts reflecting the author’s sojourn in Ecuador from 1979 to 1981. This collection includes poems published in the section “Viver nos Andes” in *Agrestes* (1985) and poems posthumously gathered as part of the po-

1 julioocado@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0002-3304-8022>

2 rosanne.araujo@terra.com.br - <https://orcid.org/0000-0003-4308-3881>



et's unpublished works. Our analysis is enriched by insights into the relationship between poetry and landscape provided by Michel Collot (2013) and Ida Alves (2013). Additionally, we incorporate critical perspectives on Cabral's poetry offered by Marta Peixoto (1983), Carlos André Pinheiro (2007), and Antonio Carlos Secchin (2020). Within the examined texts, the image of Chimborazo, a dormant volcano overseeing the Andean mountain range, serves as a figurative element infused with pedagogical and aesthetic ideals for the poet-observer. This observer aspires to achieve a measured diction akin to the controlled lava of the geological element. Furthermore, a comparative analysis with Simón Bolívar's text "Mi delirio sobre el Chimborazo," written in the early 1820s, reveals an interactionist aspect guiding the concept of landscape and, consequently, its formalization in poetic texts. Different viewpoints resonate in diverse ways within poetic representations.

KEYWORDS: João Cabral de Melo Neto; Landscape; Andean poems.

Recebido em 23 de abril de 2023. Aprovado em 9 de outubro de 2023.

DUAS ROTAS CABRALINAS

A poética de João Cabral de Melo Neto é caracterizada pela realização de um percurso em verso orientado pela busca da palavra certa, para o qual convergem um senso de justiça (ética) e de justeza (estética), que faz imiscuir em sua dicção as *duas águas* às quais o próprio poeta fez referência ao ter publicado uma recolha de poesias com esse título em 1956. Seguindo o curso dessa divisão, a primeira água compreende os poemas de cariz metalinguístico e, em certo sentido, mais herméticos quanto à extensão receptora, sendo, desse modo, composta de poemas propícios para *releitura*, mais do que uma *leitura* intempestiva. A segunda água, por seu turno, carrega vozes agregadoras no decorrer do percurso e procura, em sua foz, encontrar ouvidos dispostos a escutar os poemas. No entanto, a separação entre as aparentes duas faces de uma mesma obra não é tão rígida quanto a divisão categórica poderia indicar, sendo perceptível a indissociabilidade entre elas em diferentes pontos da escrita cabralina.

A esse itinerário poético, em livro, cujas milhas materializam-se nos diversos volumes de poemas publicados pelo autor, soma-se um segundo caminho, desta vez (bio) geográfico, decorrente do trabalho desempenhado pelo poeta no Itamaraty, período em que Cabral ocupou cargos representativos da diplomacia brasileira em diversos postos ao redor do mundo. Nessa trajetória, Barcelona foi o marco inicial de uma carreira que viria a se estender até meados dos anos de 1980, quando de seu retorno à Península Ibérica, especificamente à cidade do Porto, onde ficou até a aposentadoria. Entre esses dois pontos, aqui tomados como limites de um intervalo, foram percorridas cidades como Sevilha, Londres, Dakar e Quito.

Desses espaços, Recife e Sevilha são aqueles reconhecidos como eleitos de preferência pelo poeta. Contudo, as outras paragens atravessadas por Cabral também foram cortadas pela lâmina da faca composicional do autor. Apesar da procura incessante pela despersonalização do verso, depreendemos em diferentes pontos da obra

do autor a mobilização de questões e temáticas que, de certo modo, dialogam com alguns passos da sua vida de poeta. Entre esses aspectos refratados na obra, estão as numerosas paisagens vistas por Cabral, fazendo com que o percurso poético e o percurso geográfico apontados anteriormente sejam alinhavados na urdidura dos textos.

Neste artigo, selecionamos coordenadas que, embora presentes no passaporte poético do escritor, ocupam locais à margem em sua fortuna crítica, eclipsados pelos eixos do sertão nordestino e da Andaluzia espanhola. Especificamente, coligimos, em nossa leitura, poemas de João Cabral de Melo Neto nos quais o autor recupera elementos que abrangem as latitudes vistas a partir da Cordilheira dos Andes. Esses textos foram selecionados, em sua maioria, do livro *Agrestes*, reunião de poemas escritos entre 1981 e 1985, e lançado neste mesmo ano. Ademais, recorreremos a textos inéditos do poeta, encontrados pela professora e pesquisadora Edneia Ribeiro na Fundação Casa de Rui Barbosa, e que, em sua composição, recuperam as imagens já apresentadas no livro da década de 1980. Para elaborar nossa leitura, operacionalizamos as formulações de Michel Collot (2013) e Ida Alves (2013) sobre as relações entre poesia e paisagem. É válido destacar que, recentemente, o escritor equatoriano Iván Carvajal se empenhou no trabalho de tradução dos poemas que tematizam o país latino-americano na antologia *Vivir en los Andes – Poemas ecuatorianos*, como nos lembra Secchin (2022).

Após um longo período de atuação como embaixador no Senegal — cerca de sete anos — João Cabral foi designado para ocupar o posto de comando na sede da embaixada brasileira no Equador, primeira posição diplomática do poeta na América Latina. De acordo com Ivan Marques (2021), na recente biografia sobre o pernambucano, em 1979,

em dezembro, carregando toneladas de livros na bagagem, João Cabral voou para Quito. A expectativa, confessada aos repórteres, era reencontrar duas paixões de sua vida: o idioma espanhol e as *corridas* de touros. O que descobriu da Espanha no Equador foi bem mais do que imaginava. Localizada na cordilheira dos Andes, a 3600 metros de altitude, Quito lhe pareceu uma cidade muito agradável. A exemplo de Sevilha, tivera a sabedoria de crescer nas extremidades, deixando preservado o centro antigo — não por acaso, declarado Patrimônio Cultural da Humanidade pela Unesco. A parte velha da cidade parecia um cruzamento de Córdoba e Sevilha, com a diferença de que não se situava numa planície, mas na montanha. (Marques 2021: 428)

Um elemento da personalidade de Cabral que se sobrepõe ao realizarmos a leitura de sua biografia é o mergulho que o poeta costumava efetuar na produção literária dos países por onde passou, a exemplo da intensa presença da literatura ibérica na obra do poeta, resultado da incursão cabralina pela produção em verso e em prosa de autores de diferentes períodos, como Lope de Vega, Calderón de La Barca e Federico Garcia Lorca. Nesse sentido, o Equador não se configurou como um caso à parte, visto que:

no Equador, não apenas a arquitetura e a língua evocaram a Espanha. A cultura era também intensa e, desde o princípio, chamou a atenção de João Cabral. Apesar da pequena dimensão do país, a produção e a oferta não se concentravam na capital. Em todas as principais cidades havia casas de cultura. No campo literário, Cabral revelou ter feito ótimas descobertas [...]. Diante da qualidade da cultura equatoriana, fazia pena, segundo ele, que no Brasil fosse traduzido apenas o romance indigenista *Huassipungo*, de Jorge Icaza Cornel, que para ele tinha menor valor. (Marques 2021: 431)

Considerando a refração dessa experiência na produção literária de Cabral, as marcas do período andino do poeta foram formalizadas, inicialmente, em textos presentes na seção “Viver nos Andes”, do já citado volume *Agrestes*. Com a ideia inicial de ser um segundo *Museu de tudo*, agregando, assim, poemas provenientes de safras diversas do autor, o livro de 1985 diferencia-se do volume anterior de 1975 devido à organização em seções que orientam a disposição dos poemas no conjunto da obra. Nesse livro, Cabral permite-se retornar a temas de eleição já trabalhados anteriormente, buscando “extrair o que, sob a superfície do redito, ainda poderia vigorar como inédito, ou inaudito” (Secchin 2020: 372). Em vez de ser “depósito do que aí está, / se fez sem risca ou risco” (Melo Neto 2020: 451), *Agrestes* segue uma rígida setorização dos poemas, da qual “Viver nos Andes” é apenas uma das partes. Nela, encontramos textos que, como é possível depreender pelo título, possuem como cerne de composição elementos suscitados pela figura imponente das montanhas no Equador.

Para este trabalho, realizamos um recorte no conjunto de poemas, pois interessamos, sobretudo, os textos que enquadram a paisagem andina, com ênfase na imagem do Chimborazo — vulcão adormecido correspondente à mais alta montanha do Equador e do mundo, se tomarmos como referência o núcleo terrestre. Em princípio, a ideia de paisagem implica a apreensão de certo espaço por um sujeito observador, isto é, a captura de um recorte geográfico pelos órgãos dos sentidos, havendo, por vezes, a primazia do olho e da visão sobre os demais. Desse modo, em consonância com a perspectiva apresentada por Collot (2013: 17), a paisagem requer, ao menos, uma tríade de elementos: uma espaço seccionado, um ponto de vista e uma reconfiguração representativa desse espaço observado.

Segundo o crítico francês, que tem papel de destaque nos estudos sobre a relação entre poesia e paisagem, em oposição à visão dicotômica que estabelece uma cisão intransponível entre o eu e o outro, o sujeito e o mundo, o conceito de paisagem permite pensar a justaposição *poesia-paisagem* e instaura “uma redefinição da subjetividade humana, não mais como substância autônoma, mas como relação” (Collot 2013: 30) da qual emerge “a chance que oferece ao sujeito de se cumprir, paradoxalmente, a partir do momento em que se recusa a permanecer em si mesmo” (Collot 2013: 31). A esse movimento, o autor intitulou de “espaçamento do sujeito”, que se efetua em direção a e em relação com a alteridade, expressando que “Viver / é ir entre o que vive”, para retomarmos os versos de Cabral (2020: 111) em *O cão sem plumas*.

Na esteira do pensamento de Michel Collot e de outros ensaístas que têm direcionado suas reflexões para os estudos da paisagem, em perspectivas multidisciplinares, Ida Alves (2013: 184) destaca que essa categoria configura um sistema cujas unidades articulam-se na elaboração de uma trama de sentidos. No campo dos estudos literários, a pesquisadora afirma que a problemática da paisagem ganha relevância por possibilitar a compreensão desse objeto “como um processo cultural, como efeito de um modo de ver, fixar ou movimentar identidades e subjetividades, na tensão contínua entre dentro e fora, ipseidade e alteridade, visível e invisível” (Alves 2013: 191), ou, em sentido mais abrangente, evidenciar “a problematização da relação sujeito e mundo, revelando experiências diversas que contrapõem singularidades culturais num tempo de massificação e indiferenciação identitárias” (Alves 2013: 191).

Em nossa leitura, reconhecemos a importância de enxergar a permeabilidade entre o sujeito e o espaço, visto que essa porosidade e a existência de espaços vazios que, potencialmente, podem ser preenchidos pelo mundo, são aspectos muito explorado na poética de João Cabral de Melo Neto, como bem identificou Marta Peixoto (1983). Em sua investigação, ela evidencia que, na obra cabralina, “mesmo quando o eu desaparece, não se elimina a subjetividade da linguagem poética [...], que persiste como a parte submergida, menos evidente, do eixo eu-objeto” (Peixoto 1983: 12-13). Assim, coisas, animais, plantas, espaços e outros artistas tornam-se alguns dos elementos exógenos ao sujeito que são eleitos pelo eu lírico e integrados à composição dos poemas. A essa lista, inclui-se a montanha equatoriana, a qual nos deteremos neste trabalho.

ALGUMAS JANELAS PARA O EQUADOR

Vejamos, inicialmente, como se configura a dinâmica homem-mundo no texto de abertura de “Viver nos Andes”:

O corredor de vulcões

Dá-se que um homem pouco vulcânico
habita o “Corredor dos Vulcões”;
passeia entre eles, na Cordilheira,
como vaqueiros por entre os bois.

De cada lado do “Corredor”
estão deitados; morta é a oração,
é o vociferar, o deslavar-se;
hoje não são oradores, não.

Hoje são mansas fotografias,
aprenderam a ser sem berrar-se;

o tempo ensinou-lhes o silêncio,
a geometria do Cotopaxi,

que até minha janela de Quito,
com seu cone perfeito e de neve,
vem lembrar-me que a boa eloquência
é a de falar forte mas sem febre.

(Melo Neto 2020: 652)

O poema organiza-se em tom descritivo, traçando, com palavras, as linhas que delimitam as fronteiras emparelhadas dos Andes. Contudo, a construção não se prende à objetividade pretendida por uma geografia física, visto que o texto constrói-se a partir da relação entre esse cenário e um sujeito espacialmente instalado. Na primeira estrofe, uma antítese é posta em tela, opondo um “corredor de vulcões” a “um homem pouco vulcânico”. No primeiro caso, os vulcões têm uma função referencial e apontam para as coordenadas de localização, por sua vez, quando derivado na forma de adjetivo, as características do elemento da natureza são igualmente transpostas para o humano, nesse caso, pela lente da negação. Enquanto “ser vulcânico” explora as manifestações irruptivas afins às erupções de lava expelidas pelo corpo geológico, o advérbio “pouco” contrapõe-se a essa caracterização.

Essa oposição, no entanto, é desfeita logo em seguida, na segunda estrofe, pois, ainda que “vulcânica”, a paisagem está amansada, sem perspectiva de novas erupções. Do ponto de vista referencial, sabe-se que o Chimborazo é um vulcão adormecido, ou seja, não tem atividade registrada há certo tempo — o que não impede de vir a ter no futuro. Esse comportamento do vulcão poderia ser identificado como resignação, com base na alegoria apresentada no poema segundo a qual o sujeito do enunciado está para um “vaqueiro” assim como as montanhas estão para um rebanho de gado domado. Porém, ele não se vincula a um sentido de passividade, pelo contrário, o silêncio que se percebe é resultante de uma aprendizagem, produto do tempo (em escala geológica), da espera e da paciência.

Como aponta Secchin (2020), a procura pela decantação lírica do poema é um procedimento ensaiado na poesia de João Cabral desde seu livro de estreia, *Pedra do sono*, de 1942, qual já lemos “Eu me anulo me suicido” (Melo Neto 2020: 36). No poema em análise, a aparente objetividade descritiva do primeiro verso cede lugar à inserção do eu lírico, marcada de forma explícita, na estrofe final, uma vez que, de sua “janela de Quito”, ele tem a possibilidade de observar a paisagem andina e com ela tomar lições de dicção.

A escala do tempo geológico é demasiadamente diferente da escala do tempo humano, sendo a primeira organizada em termos de éons e eras, enquanto a segunda pauta-se na ordenação de décadas e anos. Como uma reação encadeada, o eu lírico do poema tem acesso a ensinamentos da montanha que, de outro modo, seriam impossíveis de serem vivenciados por um humano. Nesse sentido, o texto reafirma a capacidade de atravessamento que a paisagem pode produzir em um sujeito observador, inscrevendo a experiência no mundo como uma forma de aprendizagem.

A imagem da montanha como um elemento paciente é encontrada em outros poemas de Agrestes. Em “O trono da ovelha”, por exemplo, o poeta recorre, novamente à metáfora entre o Chimborazo e um animal, a ovelha, ao colocar em evidência as semelhanças entre esses dois elementos:

Nos altos pés do Chimborazo
vejo a descomunal ovelha
que ele é, imóvel e deitada,
da qual cortaram a cabeça.
O cadáver (será escultura?)
daquela pacífica besta
preside, de alto pedestal,
o não da circunstância erma.
(Melo Neto 2020: 654)

A entrada para o texto já coloca, em perspectiva, o ponto de vista a partir do qual a montanha é observada, desta vez, com as marcas enunciativas do eu lírico. Ao invés de uma visão panorâmica, que enxerga o elemento geológico no sentido de cima para baixo, o observador se localiza na base da montanha e vê o que está na sua frente levando em consideração a diferença de tamanho entre os dois, “a descomunal ovelha”. É necessário destacar a opção realizada por Cabral ao estabelecer um vínculo metafórico entre os dois elementos, já que afirma a identidade ovina da montanha. Ainda que o corpo inanimado seja tomado em termos animais, ele é destituído de vida (podendo ser “cadáver” ou “escultura”), possibilidades que não se fecham no enunciado (marcado pela interrogação), mantendo-se como formas pendulares de representação, e que apontam para a precariedade da construção imagética frente à realidade. Os limites da representação foram explorados, de maneira metalinguística, em outros momentos pelo autor, como no longo poema-livro *Uma faca só lâmina: “por fim à realidade / prima, e tão violenta / que ao tentar apreendê-la / toda imagem rebenta”* (Melo Neto 2020: 219).

No poema andino, a aproximação metafórica feita em direção à montanha intensifica o silêncio como uma das características do elemento, semelhante ao espaço onde ela se situa, “circunstância erma”. Considerações parecidas podem ser feitas sobre o texto “O ritmo do Chimborazo”, o qual transcrevemos a seguir:

A imensa espera da montanha:
por que ver nela algum sentido?
É só espera: o viver suspenso
de que apodreça o prometido.
A imensa espera da montanha
tem a paciência da de bicho;
é como a do homem que se empoça
na espera, e dela faz seu vício.
(Melo Neto 2020: 655)

Nesse poema, mais uma vez, o silêncio e a capacidade de espera aparecem como traços encontrados no corpo rochoso. No texto, questiona-se a necessidade de transformá-las em aspectos dotados de significação, afinal, eles fazem parte da natureza mineral da rocha, à opacidade de seu corpo inorgânico. Diferente dos outros comentados até aqui, em “O ritmo do Chimborazo”, não temos, explicitamente, a evocação do eu lírico. Porém, isso não impede que a relação homem-natureza seja concretizada. Assim como a montanha impera na região, com paciência e complacência, sem ser afetada pelas modificações que se verificam no dia a dia, o homem “empoçado” tem a espera como única função, “dela faz seu vício”, na expectativa por mudanças, quando, enfim, deixaria de ser poço e se tornaria rio, em movimento constante. Nessa passagem, nota-se como a dicção poética do autor pernambucano, reiteradamente atrelada à dimensão enxuta da linguagem, não aponta, como seria possível projetar, para a aridez do ser. Em sentido contrário, a dimensão humana é posta em relevo dentro da organização da poética cabralina sem descuidar do projeto estético do autor, pois, como nos diz Pinheiro, “apesar da forma bem elaborada (condição indispensável para todo bom texto literário), a poesia de João Cabral está marcada pela vivência humana” (2007: 13).

A capacidade de afetação gerada pela montanha não se restringe àquele que a observa. Nos versos que compõem o poema “O Chimborazo como tribuna”, o espaço circundante também é modificado pela figura do vulcão adormecido:

É estranho como esta montanha
não deixe que nem mesmo o vento
possa cantar nos órgãos dela
ou fazer silvar seu silêncio.
Talvez seja mesmo a tribuna
que mandou reservar o tempo
para um Bolívar que condene
quem fecha a América ao fermento.
(Melo Neto 2020: 655)

Ao redor do cone vulcânico, nem o vento tem permissão para fazer barulho, pois, do mesmo modo que a visão da montanha ensina um “dizer sem febre” ao homem, ela é capaz de transpor sua dicção do menos para toda a região. Observando a materialidade significativa do texto, percebe-se a representação simbólica obtida pela sequência de fonemas fricativos no quarto verso, “/f/a/z/er /s/il/v/ar /s/eu /s/ilên/s/io”. Por esse procedimento, o próprio movimento do vento é emulado no poema. Nesse sentido, apesar da primazia do silêncio como imperativo de comportamento, no poema, o sopro ainda é capaz de soar. Transpondo os limites da estrutura composicional, esse vento é a atmosfera da poesia, domínio próprio daquilo que sempre escapa a qualquer jugo que tencione submetê-la, como o poder e a razão — mesmo em fala de poeta que se dizia avesso àquilo que não pode conter.

Anteriormente, os efeitos da paisagem andina estavam circunscritos à subjetividade de um indivíduo. Por seu turno, no poema transcrito, uma dimensão social passa a

fazer parte da rede que interliga o humano e o não humano na região. Colocando em evidência o fechamento vivenciado pela América Latina, Cabral recupera elementos fundadores da História dessa região do mundo, marcada pelo colonialismo e pela expropriação de seus recursos do ponto de vista cultural, econômico e político. Em conferência apresentada em Barcelona, no ano de 1990, o poeta pernambucano refletiu sobre as dinâmicas características na relação, geograficamente demarcadas, entre os países do Norte e os países do Sul. Para João Cabral, ao invés de diálogo convencional, o que se verifica é “um diálogo um pouco especial em que um dos interlocutores fala muito e que só é interrompido pela intervenção ocasional dos outros interlocutores. Isso é visível no intercâmbio cultural entre o Norte e o Sul, onde este último só dispõe da palavra quando sua obra é importante demais para ser ignorada” (Melo Neto 1997: 125).

Como se observa no excerto, de acordo com a leitura de Cabral, a relação estabelecida entre diferentes regiões do mundo pauta-se na desigualdade, inclusive ao verificarmos o campo literário. Ainda sobre esse aspecto, é relevante pensarmos a inserção da figura de Simón Bolívar também em “O Chimborazo como tribuna”, pois este libertário latino-americano, que esteve envolvido em diversos processos de independência no continente, escreveu um texto que toma a montanha como motivo para a composição.

Escrito em 1822, ainda que tenha vindo a público apenas uma década depois, em 1833, “Mi delírio sobre el Chimborazo” evoca o deslumbramento do sujeito da enunciação após alcançar o cume do vulcão. O texto de Bolívar narra o encontro entre o homem, ser mortal, e a eternidade, personificação do Tempo na forma de um ancião: “De repente, o Tempo se apresenta para mim sob a aparência venerável de um velho carregado com os resíduos das idades: carrancudo, encurvado, calvo, com a testa enrugada, uma foice na mão...”³ (Serrano Sánchez 2009: 77). Sendo uma iconografia recorrente para expressar, de forma concreta, o tempo em produções poéticas, a exemplo das imagens de Cronos, o ancião se confunde com a própria montanha, cuja formação, em escala de tempo geológico, ganha contornos de eternidade.

Interessa-nos perceber a ambiguidade gerada pela preposição “sobre” já inserida no título do poema. Por um lado, ela indica o conteúdo acerca do qual o pensamento é elaborado, longe das amarras da razão pura, por outro, ela aponta para a localização do enunciador, que se situa acima do vulcão, onde “Nenhum pé humano tinha pisado a coroa diamantina que as mãos da Eternidade colocaram sobre as sublimes têmporas do dominador dos Andes”⁴ (Serrano Sánchez 2009: 76).

A escrita de Bolívar se dá sob a influência das ideias que circulavam na atmosfera da época, em diálogo com as ambições revolucionárias independentistas (Serrano Sánchez 2009), bem diferente das linhas organizadoras da poética de João Cabral. Ao percorrer a linha do tempo das relações entre criação poética e paisagem, Collot (2013) destaca as afinidades que esse tema estabeleceu durante a formação do ide-

3 De repente se me presenta el Tiempo bajo el semblante venerable de un viejo cargado con los despojos de las edades: ceñudo, inclinado, calvo, rizada la tez, una hoz en la mano...

4 Ninguna planta humana había hollado la corona diamantina que pusieron las manos de la Eternidad sobre las sienas excelsas del dominador de los Andes.

ário romântico. Em oposição ao domínio da razão que orientava a elaboração neo-clássica, o termo “romântico” associado à paisagem passou a designar a presença de outros vetores de criação, pautados em “uma parcela de desordem [...], imaginação e afetividade” (Collot 2013: 64), isto é, certo “delírio”. Apesar das diferenças relativas à perspectiva de composição, nos dois escritores, a grandiosidade da montanha oferece materialidade à visão de uma dimensão temporal que, de outro modo, poderia ser fugidia para a limitada compreensão da vida humana.

OUTRAS LIÇÕES DA MONTANHA

Como apontamos anteriormente, não foi apenas em poemas que vieram a público no livro de 1985 que Cabral incorporou o Chimborazo como objeto a ser perscrutado pelo olhar do sujeito poético. No conjunto de textos inéditos do autor, publicados na reunião de 2020, em alusão ao centenário do poeta, também verificamos textos em que a montanha equatoriana aparece como elemento nuclear da composição. Eles foram catalogados pela professora e pesquisadora Edneia Ribeiro que os encontrou na Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro. Segundo a autora, o Equador é o país ao qual foram dedicados mais textos inéditos, “totalizando sete poemas. Somente três a menos que aqueles publicados na seção ‘Viver nos Andes’, de [Agrestes]” (Ribeiro 2020: 29-30).

Apesar de não constar, na edição que veio a público, marcações temporais junto a cada poema, seja por questões estruturais e/ou temáticas, podemos perceber certa genealogia estabelecida entre os textos, relacionando-os àqueles “encapsulados” em outros livros do autor. Entre os poemas, “Bolívar e o Chimborazo” traz, novamente, a figura do líder revolucionário, desta vez, tematizando sua ida até a montanha: “Bolívar veio ao Chimborazo? / Dizem. Viria de Riobamba, / onde restos da casa em que ele / teria dormido ainda sangram” (Melo Neto 2020: 807).

No texto de Cabral, o episódio é retomado de forma a suspender a certeza do fato, procedimento expresso, por exemplo, pela introdução da interrogação, pelo uso do verbo “dizer” (indicando certa banalidade na informação) e pela utilização do futuro do pretérito ao encadear a narrativa do acontecimento. Uma vez vitimado pela violência do regime ao qual se opôs, Bolívar teria encontrado na imagem da montanha os signos necessários para tornar concretos os objetivos revolucionários almejados.

Ainda nesse conjunto de poemas, há outro aspecto que sobressai de modo similar a uma elevação que se impõe no relevo. Nele, percebe-se a vinculação da ideia de que a montanha é portadora de um certo modo de dizer, uma “retórica”, como constatamos nos títulos de três dos textos: “Ainda a retórica”, “O Chimborazo como retórica” e “Sem retórica”. Vejamos, detidamente, os versos do último destes poemas:

O Chimborazo, que a nossa raça
mestiça de tudo e de ibérico

com sua grandeza nos fez crer
que o metro da vida é seu metro.

Mas hoje nós sabemos bem
que ele é somente geologia
e que seu altíssimo teto
nenhuma grandeza anuncia.

Pobre lição pode ele dar:
já sabida, o esperar imenso
escutando o vento de fora
e ouvindo pingar o de dentro.
(Melo Neto 2020: 841)

Nas duas primeiras estrofes do poema, recupera-se a carga simbólica da montanha pelo que ela construiu como uma falácia. Afinal, o tamanho do corpo rochoso, que poderia funcionar de forma icônica para exaltar a grandiosidade da região, na verdade, ensina às avessas — “nenhuma grandeza anuncia”. Embora não seja a lição colocada no horizonte de expectativa, o Chimborazo fornece aprendizagens a quem o observa. Nesse sentido, a montanha reafirma o que Secchin chamou de uma “ética da natureza” na poesia de João Cabral, em que o elemento externo “pedagogicamente, fornece o modelo de conduta apta a reformular de modo positivo o horizonte da existência humana” (Secchin 2020: 389).

Acrescenta-se, ainda, aos ensinamentos éticos, uma vertente estética que se apresenta plasmada à experiência com o mundo e, nesse caso, com a cordilheira, espinha dorsal de todo um continente. Se em *A educação pela pedra*, livro de 1966, João Cabral identificara no mineral um ideal de composição, mesclando aprendizagens de dicção, de moral, de poética e de economia, além das lições intrínsecas provenientes do viver do homem sertanejo, que carrega “uma pedra de nascença, [que] entra a alma” (Melo Neto 2020: 359); nos poemas andinos, outra pedra dá o tom das composições, distorcendo uma poética da pressa e do fugaz, nos termos do tempo humano, em nome do cauteloso ritmo do tempo geológico ao manejar seu cinzel na elaboração de relevos e de versos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença de um espaço percebido, e artisticamente elaborado, é uma tópica frequente dentro da produção poética de João Cabral de Melo Neto. Por vezes, verifica-se a interpenetrabilidade entre o sujeito poético e o mundo, inscrevendo uma simbiose com os espaços percorridos mediante a elaboração pensada e pesada do verso. Para isso, o poeta elegeu alguns aspectos geográficos e culturais das diferentes regiões presentes em seu passaporte de diplomata. Não é por acaso que o verbo “habitar” aparece em diferentes poemas do autor: “Habitar o flamenco” e “Habitar

uma língua”, em *Museu de tudo*; “Habitar o tempo” em *Educação pela pedra*; ainda, vários versos nas últimas duas obras sobre Sevilha, a exemplo de “eis-me habitando Sevilha / como é impossível de habitar-se”, do poema “Lições de Sevilha”. Entre os textos aqui analisados, o verbo “habitar” também se faz presente: “Dá-se que um homem pouco vulcânico / habita o ‘Corredor dos Vulcões.’”

Neste artigo, buscamos realçar os traços focalizados pelo poeta com base em um local de coordenadas específicas: a paisagem andina e seus picos vulcânicos. No conjunto de textos que compõem nosso *corpus* de análise, reconhecemos, uma vez mais, o movimento desenvolvido por Cabral de Melo Neto e orientado pela sondagem da realidade concreta que o circunda com vistas à apreensão de aspectos capazes de dar materialidade aos objetos do mundo e, a partir deles, extrair procedimentos de formalização — sem esquivar-se, no entanto, dos vetores sociais, políticos e subjetivos entremeados na trajetória perceptiva do autor. Desta vez, como afirmamos, somos confrontados com vozes poéticas que encontram na amplitude inorgânica da montanha ensinamentos de contenção, em contraponto ao esparramar-se abrupto que se espera de erupções de lava ou de subjetividade. De fato, o poeta permanece obtendo lições das paisagens por onde passa, vivendo intensamente a expressão de cada geografia, não importa se ao norte ou ao sul, a oriente ou a ocidente, em Sevilha, Recife ou outra capital do mundo.

Por meio deste estudo, observamos que as montanhas trazem o aprendizado do silêncio, da espera, da estabilidade, lições que conseguimos apreender, também, na obra de João Cabral de Melo Neto. Os vulcões adormecidos figuram nos poemas como exemplos de paciência, de mansuetude (“mansas fotografias”), de uma natureza contida, mesmo que haja o risco de uma inesperada atividade. De maneira encadeada, semelhante ensinamento proveniente dessa paisagem de vulcões pode ser aprendido por meio da estética cabralina. Refreado, o eu poético controla a possível “explosão” de emoções no poema, visto que, para ele, é possível dizer mais, utilizando menos palavras, protegendo a sua poesia do perigo da falácia, ou da loquacidade dos versos.

Esse dizer contido, porém, não significa a adoção de postura alheia às problemáticas sociais que enquadram essa região do mundo fundada no processo colonial. Nesse contexto, torna-se necessário, conforme a formulação de Cabral e do Chimborazo, fazer-se ouvir e agir menos ao modo dos vulcões e mais afim a outros objetos, a exemplo da agulha, que, mesmo “finíssima” de “duralumínio (Melo Neto 2020: 400), é capaz de incomodar “quem fecha a América ao fermento”. Afinal, é preferível “falar forte mas sem febre”, seja a febre de erupções ou a febre do discurso humano.

OBRAS CITADAS

ALVES, Ida. Em torno da paisagem: literatura e geografia em diálogo interdisciplinar. *Revista da Anpoll*, Florianópolis, n. 35, p. 181-202, 2013.

BOLÍVAR, Simón. *Mi delirio sobre el Chimborazo*. 1822. Disponível em: <http://xochitl.net/hum2461/lecturenotes/19centuryfile/documents/Chimborazo.pdf>.

COLLOT, Michel. *Poética e filosofia da paisagem*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013.

MARQUES, Ivan. *João Cabral de Melo Neto: uma biografia*. São Paulo: Todavia, 2021.

MELO NETO, João Cabral de. *Prosa / João Cabral de Melo Neto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

MELO NETO, João Cabral de. *João Cabral de Melo Neto / Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2020.

PEIXOTO, Marta. *Poesia com coisas*. São Paulo: Perspectiva, 1983.

PINHEIRO, Carlos André. *A doença de criar passarinhos: a lírica humanizadora de João Cabral de Melo Neto*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/16136>.

RIBEIRO, Edneia Rodrigues. O poeta no Museu: textos inéditos de João Cabral de Melo Neto. *Manuscrita: Revista De Crítica Genética*, São Paulo, p. 22-36, dez. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/manuscrita/article/view/178405>.

SERRANO SÁNCHEZ, Raúl. *Mi delirio sobre el Chimborazo: anuncios y fundación*. *Kipus: Revista Andina de Letras y Estudios Culturales*, Quito, n. 26, p. 71-89, 2009.

SECCHIN, Antonio Carlos. *João Cabral de Melo Neto de ponta a ponta*. Recife: Cepe, 2020.

SECCHIN, Antonio Carlos. João Cabral: tradutor e traduzido. *Papéis de poesia II*. São Paulo: Editora da Unesp, 2022. 83-90.